

A co-educação entre gerações

José Carlos FERRIGNO

Gerência de Estudos e Programas da Terceira Idade do SESC São Paulo, Brasil

Introdução

Sabemos que o fator geração é apenas mais um dos muitos determinantes do comportamento social, assim como classe, gênero, etnia, etc. Não é demais lembrar que a própria organização da sociedade é determinada por uma complexa gama de fatores econômicos, políticos e culturais. Todavia, a importância da variável geracional (lembramos de sua força no movimento estudantil dos anos 60 e na luta dos aposentados brasileiros pelos “147%” de reajuste das aposentadorias), nos parece que, até o momento, foi pouco reconhecida considerando-se o relativamente pequeno conjunto de estudos a respeito. Essa constatação, ao nosso ver, torna relevante o esforço em construir algum conhecimento nessa área.

Além de sua dimensão biológica, cada geração é historicamente constituída. A construção social das gerações se concretiza através do estabelecimento de valores morais e expectativas de conduta para cada uma delas, em diferentes etapas da história. Como um dos sintomas da Modernidade as gerações são “descobertas”. Philippe Ariés fala de uma invenção social da infância, a partir do século XVIII em que há a fundação de um estatuto para essa faixa etária. Mike Featherstone menciona algumas “invenções” que se constituíram em marcações simbólicas do ciclo vital: a “invenção” da adolescência, final do século XIX, a aposentadoria também nessa época, assim como a “criação” da crise da meia idade ou crise dos 40-50 anos, na esteira da “invenção” da velhice, a partir de meados do século XX.

Se partirmos da premissa de que historicamente as gerações são continuamente construídas, desconstruídas e reconstruídas, verificaremos que a relação entre elas também está sendo sempre refeita. Novas relações, por sua vez, determinam novos comportamentos das gerações, num movimento dialético e de retroalimentação permanente. Ficamos, então, instigados a saber o que tem ocorrido na relação entre gerações. Conflito? Competição? Cooperação? Afetividade? Indiferença? Autoritarismo? Igualitarismo? Afinal, como se relacionavam e como se relacionam os diversos grupos etários? Certamente, todos esses fenômenos ocorrem no cotidiano das relações intergeracionais, mas o que mais as caracteriza atualmente é o distanciamento. De fato, nos tempos atuais as gerações vivem segmentadas em espaços exclusivos.

A compartimentalização de espaços sociais para as diversas gerações no mundo moderno é real, mas dificilmente nos chama a atenção, já que freqüentemente somos tentados a considerar tal fenômeno como algo esperado, natural, inevitável e até, por

diversas razões morais e pedagógicas, adequado. Acostumamos com a situação. As coisas se passam como se sempre tivesse sido assim: crianças de um lado, adolescentes de outro, adultos jovens aqui, adultos idosos acolá. Na verdade, em outros momentos da História, como durante a Idade Média, por exemplo, antes, portanto, da escolarização das crianças, estas e os adultos compartilhavam com mais freqüência os mesmos lugares e situações, fossem eles domésticos, de trabalho ou de festa. Atualmente as crianças, escolarizadas logo cedo, muitas desde os primeiros meses, passam todo o dia em creches e instituições assemelhadas, porque pais e mães trabalham durante todo o período. Na falta destes ou por outros motivos, inúmeras vivem permanentemente internadas em estabelecimentos especializados. Embora nesses locais haja contato com adultos, estes são poucos e aí estão principalmente para delas cuidar, fato que estabelece uma convivência restrita e restritiva, porque é marcada por papéis bem definidos. Menos que amigos, esses adultos são cuidadores, são figuras de autoridade.

E os adolescentes, como vivem? Além da obrigatoriedade circunscrição ao espaço da escola (para aqueles que têm condições de estudar), onde a convivência é prioritariamente com seus pares, os adolescentes parecem especialmente motivados a formarem grupos de amizade compostos por indivíduos de mesma idade ou de idade bem próxima. Aliás, nas décadas mais recentes, parece estar havendo uma ênfase maior na formação de grupos com idéias, valores e hábitos bem semelhantes, fato que explica a significativa profusão das chamadas “tribos juvenis”. Entre os jovens de hoje há, portanto, uma grande variedade de estilos e de filosofias de vida.

O universo do adulto é formado em grande parte pelo mundo do trabalho, no qual as relações se dão basicamente com outros adultos. Também em sua maioria com outros adultos são os relacionamentos desenvolvidos em espaços dedicados ao estudo, ao lazer ou a alguma atividade de militância social, política ou religiosa. No caminho em direção à fase da Terceira Idade, em decorrência de inúmeros fatores culturais contemporâneos, os contatos sociais, tendem a rarear, isto é, assiste-se a um progressivo esvaziamento de papéis, fato que determina ao idoso um crescente isolamento ou recolhimento ao espaço doméstico. A aposentadoria, a viuvez, a perda de amigos e a chamada “síndrome do ninho vazio”, esta última caracterizada pela debandada dos filhos emancipados, são fenômenos que impõe aos mais velhos uma expressiva diminuição de funções. Todavia,

um contingente cada vez maior de idosos tem reagido a essas vicissitudes e vem desenvolvendo um estilo de vida cada vez mais participativo e integrado. Ainda assim a instituição de espaços a eles

reservados, como grupos de convivência e facultades abertas, ainda que benéficos sob vários aspectos, podem distancia-los do convívio com os mais jovens.

A pesquisa sobre relações intergeracionais no SESC/SP

Durante o período de 2000 a 2003, realizamos uma pesquisa que teve como foco inicial um estudo sobre o relacionamento entre os educadores das Escolas Abertas do SESC e seus alunos da Terceira Idade, com o intuito de melhorar a qualidade do atendimento através de programas de treinamento técnico. No entanto, no decorrer das entrevistas e das observações, tornou-se evidente que estávamos diante de interações de diferentes gerações, já que a ampla maioria de profissionais que atendem idosos, principalmente em instituições culturais, é formada por pessoas mais jovens do que seus alunos. Uma primeira análise dos depoimentos mostrou uma rica troca de experiências próprias de cada geração. A pesquisa foi, então, estendida às interações intergeracionais em meio ao público frequentador do SESC, jovens e idosos participantes das atividades de lazer (atividades físicas e esportivas, música, dança, teatro, artes plásticas, internet, literatura, entre outras) dessa instituição. Confirmando os resultados anteriores, também em relação a esses grupos é notável a riqueza de experiências permutadas. Assim, pudemos constatar a possibilidade de estabelecimento de expressivos processos de co-educação entre gerações.

Resultados da pesquisa: O que pode uma geração ensinar à outra? O que os idosos transmitem aos jovens?

Inicialmente, vejamos o que os idosos ensinam às novas gerações. De acordo com os depoimentos e observações de nossa investigação, os mais velhos (não necessariamente pessoas já na Terceira Idade) repassam:

1) **a memória cultural e de valores éticos fundamentais**, além de conhecimentos práticos, habilidades aplicadas ao cotidiano. Transmitem sua história pessoal e a história da comunidade, permitindo aos jovens conhecerem suas origens e se enraizarem em sua própria cultura. Conhecendo seu passado, os jovens entendem melhor o seu presente e projetam seu futuro de modo mais realista e promissor. Segundo Ecléa Bosi (1979),

2) **uma educação para o envelhecimento** é outro significativo conteúdo repassado ao jovem. O velho aparece como modelo a ser seguido ou evitado, dependendo de seu grau de sucesso em viver satisfatoriamente esse período da vida, de sua própria maneira de enfrentar as dificuldades dessa fase. Os jovens da pesquisa relataram admiração pelos idosos que mantêm

o bom humor e a serenidade e que mantêm com eles uma atitude de respeito e carinho e, por isso, declararam querer envelhecer com esse estilo de vida.

O que os jovens ensinam aos mais velhos?

A transmissão de conhecimentos dos mais velhos aos mais jovens, como dissemos, é mais perceptível. O contrário, ou seja, a educação dos mais idosos por pessoas jovens, além de não valorizada, é, por vezes, despercebida. No entanto, os depoimentos recolhidos em nossa pesquisa são significativos e nos mostram diversos conteúdos que crianças e adolescentes repassam aos adultos, como:

1) **uma educação para novas tecnologias**, através do domínio no manuseio de aparelhos eletrônicos e da linguagem digital. Vários idosos nos contam que aprendem a usar computadores e outros aparelhos eletrônicos com seus próprios netos. No programa Trabalho Social com Idosos do SESC inúmeros cursos de informática para pessoas idosas foram ministrados por jovens professores, com excelentes resultados. Mais recentemente, o SESC de São Paulo inaugurou um novo programa, aberto a todas idades, chamado “Internet Livre”, desenvolvido em salas dotadas de microcomputadores franqueados ao público, com monitoria especializada. Ocorre que em várias unidades, de forma espontânea ou induzida pelos profissionais da instituição, os jovens têm dado aos idosos, orientações de como manejar a máquina e de como navegar pela rede. Os idosos ficam felizes pelas novas descobertas e os jovens satisfeitos ao se sentirem importantes como professores.

2) **uma educação para os novos tempos**: a geração mais jovem também transmite aos idosos valores e conhecimentos do mundo atual, uma flexibilidade de comportamentos sociais de acordo com os novos valores morais, ou seja, uma educação para os novos tempos, resultando em posicionamentos menos conservadores em relação a assuntos polêmicos, como sexo, drogas, etc. Diversos depoimentos da Terceira Idade, principalmente aqueles que compartilham experiências mais prolongadas de convívio com adolescentes em oficinas de teatro e de música, declaram ter adquirido um olhar mais compreensivo acerca de questões atuais a partir de suas conversas com jovens.

SESC Gerações: um novo programa do SESC/SP

Conforme constatamos, entidades culturais, ao atenderem a um público diversificado em instalações comuns, acabam

se constituindo em espaços propícios ao encontro de gerações. Levando em conta o fenômeno moderno da

segregação etária que abordamos no início deste trabalho, além do número crescente de interações espontâneas e de interações induzidas pelas equipes técnicas que vem ocorrendo no cotidiano da programação, o SESC resolveu criar um programa socioeducativo, o SESC Gerações, que visa estabelecer uma sistemática de atividades intergeracionais, potencializando as interações já existentes entre faixas etárias e fomentando a coeducação das gerações que freqüentam a instituição.

A viabilidade de um programa desse tipo é atestada, conforme vimos, pela pertinência das atividades de lazer para a aproximação das gerações. As possibilidades de atividades

Conclusão

Enfim, com diversos graus de intensidade, todas as atividades tendem a se caracterizar pelo aprendizado mútuo. Esse processo produz benefícios para todos os participantes, benefícios que se traduzem no desenvolvimento da compreensão, do conhecimento e do afeto mútuos. Disso tudo resulta uma visão mais realista sobre as demais gerações, fator decisivo para a luta contra a segregação das faixas de idade, segregação que empobrece as relações sociais e que provoca o preconceito etário em suas várias direções, dos velhos em relação aos jovens e destes em relação aos idosos.

Se pensarmos que a classificação dos indivíduos em faixas etárias e as “invenções” da infância, adolescência e velhice são fenômenos da modernidade, podemos supor que nos

são muito amplas, exatamente porque tendem a ser as mesmas que muitas vezes são oferecidas exclusivamente a esta ou àquela faixa etária e que fazem parte da programação cultural permanente, como: música, teatro, artes plásticas, literatura, turismo, esportes, educação ambiental, etc.

Em relação à idade dos participantes, é possível, e a prática o demonstra, organizar atividades envolvendo crianças e adolescentes, crianças e adultos de meia-idade, crianças e idosos, adolescentes e meia-idade, adolescentes e idosos, pessoas de meia idade e idosos; e ainda atividades que congreguem várias gerações simultaneamente.

albores dos tempos pós-modernos em que estamos situados, possam estar sendo geradas condições para uma reaproximação de gerações, favorecidas pela diversidade cada vez mais maior de estilos de vida de jovens e idosos. Creio haver alguns indícios dessa abertura para outras gerações, principalmente pelas novas formas de se vivenciar a velhice e o processo de envelhecimento.

Enfim, pretendemos que as ações dessa natureza se aprofundem e se aperfeiçoem. Esta reflexão se apóia na certeza de que o compartilhamento das experiências de velhos e moços, ao combater o preconceito etário, pode efetivamente contribuir para a edificação de uma sociedade mais justa, tolerante, democrática e solidária.